

# RELATOS DE PROFESSORES SOBRE GESTÃO DO PEDAGÓGICO EM UMA REALIDADE DA EDUCAÇÃO ESPECIAL NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

<http://dx.doi.org/10.5902/2176217110390>

Cláucia Honnef

*Instituto Federal Farroupilha, Brasil.*

## Resumo

Este artigo traz os resultados de um estudo que buscou verificar como se apresenta o trabalho dos professores frente à educação especial na perspectiva da educação inclusiva. Esse trabalho foi entendido com sendo a gestão do pedagógico, conforme afirma Ferreira (2008, 2009). Examinou-se o que os docentes tinham a dizer sobre a educação especial na perspectiva inclusiva e o trabalho nesta realidade. Esses relatos sugerem reflexões acerca de proposições da Política Nacional da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, do papel da gestão escolar e dos professores frente à inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais.

Palavras-chave: gestão do pedagógico, trabalho dos professores, educação especial, educação inclusiva, gestão escolar.

## REPORTS OF TEACHERS ON PEDAGOGICAL MANAGEMENT IN A REALITY OF THE SPECIAL EDUCATION IN THE PERSPECTIVE OF INCLUSIVE EDUCATION

## Abstract

This article presents the results of a study that sought to verify the teachers' work ahead to special education in the perspective of inclusive education. The teachers' work was understood as being the pedagogical management, as stated by Ferreira (2008, 2009). Was examined what teachers had to say about special education in inclusive perspective and about work in this reality. These reports suggest reflections on propositions of the Special Education in the Perspective of Inclusive Education, the role of school management and teachers facing the inclusion of pupils with special educational needs.

Key-words: pedagogical management, work teachers, special education, inclusive education, school management.

## Introdução

A partir das referências da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, de 2008, o papel do professor de educação especial passa a não ser mais o de reger sua turma, como fazia nas classes e escolas especiais, mas o de realizar o atendimento educacional especializado, disponibilizar os serviços e recursos próprios desse atendimento e orientar os alunos e seus professores quanto a sua utilização nas turmas comuns do ensino regular.

Com o surgimento da perspectiva inclusiva na educação especial, esta se destina as escolas e classes regulares, tendo todos os professores responsabilidade sobre o desenvolvimento de todos os alunos, inclusive os com necessidades educacionais especiais - NEE.

Nesse sentido, Baptista (2006) apresenta parâmetros do trabalho docente frente à educação inclusiva, os quais são, além da individualização dos objetivos, do ensino e da avaliação:

a defesa de um trabalho interdisciplinar, o planejamento que valoriza as características do aluno e do contexto social, a avaliação que tem o aluno como parâmetro de si mesmo, o trabalho pluridocente, para citar alguns desses parâmetros. (Baptista, 2006, p. 25)

No que diz respeito ao trabalho dos professores, o qual se configura como gestão do pedagógico (Ferreira, 2009), percebe-se que a PNEEPEI (2008) aponta a prática de um trabalho articulado, coletivo entre os professores de classes comuns com e o professor de educação especial.

Partindo-se de verificações no que tange as mudanças necessárias frente à educação especial na perspectiva inclusiva, buscou-se, em uma pesquisa realizada para o curso de Especialização em Gestão Educacional, da Universidade Federal de Santa Maria, verificar como os professores percebem a experiência escolar da educação especial na perspectiva da educação inclusiva, e a gestão do pedagógico a partir dela.

Desenvolveu-se esta investigação com professores de uma escola do município de Agudo, que fica cerca de 60 km distante de Santa Maria, na região central do estado, e possui economia voltada para a agricultura, com ênfase para o cultivo de arroz e tabaco. O estudo foi realizado com docentes desta instituição em virtude dela ser a primeira e a única instituição escolar na cidade, até 2010, a receber alunos com NEE em sala regular e dispor de um profissional formado em educação especial para realizar o atendimento educacional especializado em sala de recursos. A escola fica localizada na periferia do município e atende crianças oriundas de famílias de baixa renda.

Realizou-se tal pesquisa analisando as concepções dos professores dessa instituição, compreendendo-se que a gestão e organização escolar são desenvolvidas também por esses profissionais, além de orientar as suas práticas pedagógicas. O professor é agente no processo de gestão escolar e no que tange a gestão do pedagógico, conforme Ferreira (2008), esta é, em essência, fruto do trabalho dos professores, de seus aportes teórico-metodológicos e todos os aspectos orientadores da produção de sua aula e, conseqüentemente, da produção do conhecimento.

Destaca-se que, segundo Libâneo, Oliveira e Toschi (2005), o grande objetivo das escolas é a aprendizagem dos alunos, e como grande parte da aprendizagem dos alunos ocorre em sala de aula, o trabalho neste espaço é a razão de ser da organização e da gestão. Os autores destacam também o significativo papel da direção e coordenação pedagógica quanto à articulação do trabalho conjunto de todos os professores.

Neste texto serão apresentados alguns dados referentes ao que os professores percebem sobre seu trabalho frente à realidade da educação especial na perspectiva da educação inclusiva.

### **A gestão do pedagógico: relatos docentes**

Referente ao trabalho dos professores frente a realidade da educação especial na perspectiva da educação inclusiva, a professora de educação especial Serra<sup>1</sup> coloca que trabalha na sala de recursos, atendendo alunos com deficiência. Esta profissional é professora de educação especial e sempre atuou com alunos com NEE incluídos, sendo que provavelmente não precisou passar por mudanças em seu trabalho. Diferente do que acontece com muitos professores de educação especial, que atuaram por muito tempo em escola ou classe especial e que, com a perspectiva desta na educação inclusiva, também se deparam frente a uma realidade que exige mudanças em seu trabalho.

No que tange o respondido pelos professores da sala de aula comum sobre o trabalho nas classes regulares, basicamente todos os cinco professores se reportaram ao trabalho com os alunos incluídos nestas.

Sendo assim, as professoras Costa, Campos e Gomes afirmaram que é preciso oferecer atividades diferenciadas aos alunos com NEE e que a avaliação destes também é diferenciada, pois muitos não estão no mesmo nível de aprendizagem dos demais alunos, sendo que no parecer avaliativo isso é considerado, e na sala de aula sempre é proporcionada ao aluno com NEE uma atividade afim ao que os demais colegas estão realizando:

Eu trabalhava com material diferenciado ou adaptando as atividades que eu trabalhava com os outros, de forma diferenciada pra eles, que muitas vezes eles viam os outros fazerem e queriam as mesmas atividades, ai eu adaptava pra eles de forma diferente, dava a mesma de forma diferente. (Gomes)<sup>2</sup>

Analisando as manifestações desses professores pode-se inferir que esse trabalho diferenciado que se afirma necessário já alude a um possível esforço dos docentes para concretização das adaptações não significativas. Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais: adaptações curriculares, de 1998, as adaptações curriculares são divididas em dois níveis, ou seja, as adaptações significativas e as não significativas, sendo que as primeiras exigem um planejamento e observação coletiva, a fim de possibilitara atender à demanda diversificada dos alunos e a organização e o funcionamento da escola. As adaptações não significativas são de responsabilidade dos docentes, são algumas das

<sup>1</sup> Para preservar a identidade dos participantes da pesquisa, estes foram identificados no estudo com nomes de fictícios.

<sup>2</sup> Gomes fala no tempo passado porque os dois alunos com NEE, que estavam na turma por ela atendida, haviam sido transferidos para outra instituição poucas semanas antes da realização da entrevista.

mudanças que a educação especial na perspectiva inclusiva implica e são semelhantes também ao que Beyer (2005) aponta como necessidades no trabalho com alunos com NEE incluídos.

Conforme o autor supracitado, hoje com a proposta educacional inclusiva torna-se indispensável ensinar as crianças de acordo com suas distintas capacidades, diferentemente de orientações educacionais de tempos anteriores, em que se tinha uma uniformidade no ensino, em que o aluno para aprender deveria se enquadrar nos moldes do professor e da instituição.

Então, as adaptações manifestadas pelos docentes entrevistados reportam também ao fato de que há um movimento, se não grande, mas que está se iniciando, no sentido dos professores buscarem efetivar as proposições que Beyer (2005) aponta como necessárias, quando se tem em sala uma diversidade de alunos, nos mais diversos níveis e condições físicas e orgânicas de aprendizagem.

É interessante ainda o aspecto que Campos aborda, de que não basta somente deixar uma folha para os alunos com NEE para eles realizarem a atividade, mas sim é preciso uma mediação, é preciso estar com eles e auxiliá-los. Percebe-se aí como o processo de mediação das atividades é importante para o desenvolvimento dos alunos e principalmente para o desenvolvimento dos alunos que possuem NEE. Segundo Vygotsky (1997), a mediação ou não que o sujeito recebe tem grande influência em seu desenvolvimento, pois para este o importante é o acesso aos significados.

Campos ainda faz outra importante colocação, no que refere a aceitação ou percepção dos demais colegas da turma em relação ao aluno com NEE fazer atividades diferenciadas e freqüentar à sala de recursos. Conforme essa professora,

eu coloco assim no início do ano, ou depois quando eu sinto necessidade, falo pra eles: O colega tem mais dificuldade, por isso ele vai ter um trabalho diferente. Até na questão deles (alunos) aceitar que eles (alunos com NEE) saiam da sala de aula pra ir pra sala de recursos, então os outros precisam ter esse conhecimento, aceitar ter esse respeito com os colegas. (Campos)

A atitude acima, mesmo realizada somente por esta professora, constitui-se parte de um processo de gestão do pedagógico e, pensa-se, seria interessante que todos os professores que recebem alunos com NEE a tivessem. Além disso, a falta desse esclarecimento a todos os alunos da turma e, porque não, de toda a escola, muitas vezes causa situações de desconfiança, discriminação e até mesmo preconceito.

A atitude de Campos pode remeter, ainda, a idéia de que se apresenta importante um trabalho com toda a comunidade escolar, para o esclarecimento do que se propõem uma escola inclusiva, de quais as atitudes adequadas perante os alunos com NEE incluídos e perante toda a diversidade que existe no meio escolar.

Esse processo, acredita-se, precisa iniciar pelos professores, que, segundo Ferreira (2009) efetivam a razão de ser da escola, a produção do conhecimento e, a partir disso, são também gestores desta. Ferreira aponta que à gestão do pedagógico não deve acontecer apenas no planejar, no pensar as diretrizes e a elaboração do Projeto Pedagógico, mas deve acontecer constantemente em todos os níveis da escola, sendo todas as ações pedagógicas da instituição de ensino: “as crenças, os estudos, os

planejamentos, enfim, todas as ações que resultem em atividade central da escola: a aula e na atividade básica da professora, do professor: a produção do conhecimento sua e dos estudantes” (Ferreira, 2009, p. 17).

Nesta perspectiva, o entendimento que se tem aqui sobre gestão do pedagógico está alicerçado pelas colocações da autora supracitada, a qual defende que a gestão do pedagógico deva acontecer a partir dos professores, pois eles são um dos sujeitos da prática pedagógica:

Gestão do pedagógico é, em essência, o trabalho, a profissionalidade dos professores, seus aportes teórico-metodológicos, em suma, todos os aspectos orientadores e determinantes na produção da aula e, em decorrência, na produção do conhecimento. (Ibid., p. 183)

A autora enfatiza o trabalho dos professores como a gestão do pedagógico, em função de que o objetivo central deste, e também da escola, é a produção do conhecimento, e este acontece na aula que é gerida, organizada, planejada, desenvolvida pelos professores, pelo trabalho destes. Daí a importância considerar a gestão do pedagógico, o trabalho destes profissionais nas atividades a serem desenvolvidas com todos os alunos, nas ações em âmbito de gestão escolar.

Ao final da análise deste tópico, pode-se dizer que o que cabe a prática pedagógica acontece, pois esta, conforme aponta Veiga (1994) compreende a preparação, o desenvolvimento e a avaliação da prática pedagógica, o que pode ser evidenciado nas falas dos docentes.

Os professores não referem sobre a preparação das aulas, mas pensa-se que existe um momento em que os eles pensam sobre as atividades que poderão ser propostas aos alunos e quais efetivamente serão postas em prática.

A avaliação foi pouco mencionada, mas mesmo assim pode-se dizer que acontece e, conforme alguns apontamentos docentes, considera as especificidades dos alunos com NEE.

Pode-se dizer que os professores percebem os alunos com NEE ao proporcionar uma atividade em sala de aula, mas não se verificou afirmações que indicassem a percepção da diversidade como mola propulsora de situações novas de aprendizagem.

### **As dificuldades na gestão do pedagógico percebidas pelos docentes**

Referente às dificuldades, conforme afirmações do professor Rio, uma delas é a falta de formação, a qual compromete a efetivação do ensino a alunos com NEE. Segundo o professor Rio, participante do estudo aqui apresentado, ter esses alunos em sala de aula “é muito angustiante, foi sempre e até hoje é angustiante. Na verdade, na minha opinião, eles tão ali sendo excluídos, não incluídos em uma sala do ensino regular.” Também a professora Costa apontou que uma das dificuldades que teve foi não saber como trabalhar com os alunos com NEE na turma, e a impossibilidade de disponibilizar uma atenção adequada a esses alunos na turma em virtude dos demais.

As colocações acima denotam a preocupação dos docentes com a inserção e educação dos alunos com NEE nas turmas comuns de ensino. Elas também reforçam o que aponta Carvalho (2010), que não basta apenas inserir os alunos com NEE nas

turmas e classes comuns de ensino, mas sim é preciso garantir a eles condições adequadas ao seu desenvolvimento.

Entretanto, que condições adequadas serão oferecidas se os professores da sala comum não sabem o que fazer com esses alunos? Sabe-se que existem cursos de formação continuada, seminários, congressos, etc., que abordam a questão da promoção de ensino-aprendizagem a alunos com NEE em escolas comuns, mas acredita-se que estes não são suficientes para que o professor da classe comum se sinta seguro com a realização de seu trabalho.

Existe a necessidade de um professor de educação especial na escola, e que se possa ter nesta um tempo, para que ele consiga orientar e procurar auxiliar o professor da sala de aula comum a proporcionar ensino-aprendizagem adequados as necessidades dos alunos. Conforme Oliveira (2009), com um professor de educação especial na escola o grupo escolar tem a quem recorrer quando precisar de informações ou apoio nas atividades pedagógicas com o aluno com NEE, objetivando a promoção de atividades que instiguem o desenvolvimento deste e também dos demais.

Dessa forma, os professores de educação especial podem auxiliar não só os professores, mas todos os setores da escola, para que esta venha a ser inclusiva. Sant'Ana (2005) afirma que é preciso o envolvimento de todos os profissionais da escola para ter-se de fato uma educação inclusiva:

Na inclusão educacional, torna-se necessário o envolvimento de todos os membros da equipe escolar no planejamento de ações e programas voltados à temática. Docentes, diretores e funcionários apresentam papéis específicos, mas precisam agir coletivamente para que a inclusão escolar seja efetivada nas escolas. (p. 228)

Percebe-se que os problemas que se apresentam nas realidades educacionais que se propõe a educação especial na perspectiva inclusiva, só podem ser resolvidos com a colaboração de toda comunidade escolar, através de uma gestão que busque isso. Um passo essencial para isso acontecer acredita-se que seja através do trabalho dos professores, da gestão do pedagógico. A partir da valorização da diversidade, da consideração das necessidades educacionais especiais por parte dos docentes, por parte de quem gere a produção do conhecimento, o vir a ser da escola, pensa-se que os alunos, pais, a equipe diretiva e os funcionários também venham a fazer isso, colaborando para uma instituição efetivamente inclusiva.

Voltando a questão que o professor Rio menciona, da falta de formação, acredita-se que o trabalho articulado entre professor de educação especial e professor de classe comum possa constituir um momento de formação continuada dos professores, um momento de troca de experiências bastante enriquecedor para o própria gestão do pedagógico. Esse trabalho articulado é referido na PNEEPEI (2008) e também na resolução n. 4 de 2009, que institui as diretrizes operacionais para o atendimento educacional especializado na educação básica.

É exatamente o aspecto subscrito que Serra, Campos e Gomes julgam como dificuldades em seu trabalho, pois conforme elas a articulação do trabalho entre professor de educação especial e professor da classe comum, essa “troca”, como elas mencionam, é essencial para que os professores sintam mais segurança ao desempenhar seu

trabalho junto ao aluno com NEE na turma. Esses momentos podem colaborar para a formação docente, pois “o compartilhar da ação pedagógica entre professores e demais educadores no ambiente escolar proporciona o desenvolvimento profissional de ambos, pois neste processo estão presentes o conhecer e o agir” (Oliveira, 2009, p. 45)<sup>3</sup>.

Outro aspecto relatado como dificuldades apareceu no afirmado pela docente Campos, quando ela afirma que há um desgaste do professor da classe comum ao ter que fazer mais de um planejamento para trabalhar em turmas com alunos com NEE:

O que tem de dificuldade é que tu tem que fazer dois planejamentos, tem que fazer atividades diferenciadas e as vezes tu ta com os teus alunos terminando um trabalho e eles também estão terminando dai coincide, , mas não é uma coisa assim tão diferente do resto, tu vai ter sempre alunos que tenham um pouco mais de facilidade e outros com um pouco mais de dificuldade, então a dificuldade mesmo é o planejamento que tu tem que fazer coisas diferentes, tudo diferentes pra eles. (Campos)

Nesse aspecto, para se conseguir atender as especificidades de desenvolvimento do aluno com NEE nas atividades em sala de aula comum é preciso fazer adaptações e, desse modo, muitas vezes, é preciso fazer planejamentos distintos para os alunos com e sem NEE. Esses planejamentos necessitam considerar as capacidades dos alunos e, a partir disso, ter as especificações dos objetivos a serem atingidos por eles, a maneira como se mediará o alcance a estes e como se avaliará esses alunos.

É importante que os planejamentos ou os temas de atividades referentes aos alunos com e sem NEE não destroem totalmente uns dos outros, pois o aluno com NEE muitas vezes precisará de atividades diferenciadas, mas que podem ser adaptadas ou seguir o mesmo tema e assunto que os demais colegas trabalham. Caso contrário, o aluno com NEE poderá sentir-se excluído, menosprezado e, provavelmente, é essa a visão que os colegas de turma terão desse aluno também.

Desse modo, no relato dos professores pode-se perceber a angústia destes em não saber como trabalhar com os alunos com NEE nas classes comuns, a exigência maior desses profissionais, no sentido de planejar atividades para os alunos com e sem NEE e a falta de diálogo entre o profissional da educação especial e os professores da classe comum.

### **Considerações finais**

A partir dos relatos docentes coletados pode-se concluir que para a educação especial na perspectiva inclusiva se efetivar, promover a aprendizagem de todos é preciso um processo de gestão escolar, no qual se tenha o empenho de toda comunidade escolar e principalmente dos professores. Coloca-se o papel dos professores como essencial porque é pela gestão do pedagógico realizada por eles, que a finalidade da escola se materializa. Também, pensa-se que a gestão do pedagógico, o trabalho dos professores pode influenciar consideravelmente as ações em âmbito de gestão escolar, visto que os professores, enquanto corpo docente, se constituem gestores na/da realidade escolar.

<sup>3</sup> Utiliza-se o termo educador e educadores especiais para se referir aos professores de educação especial.

Por fim, a educação especial numa perspectiva inclusiva apresenta proposições pedagógicas que vão de encontro ao isolamento, ao individualismo das práticas docentes, e isso pode ser um complicador na efetivação destas proposições. Porém, as mudanças no campo educacional escolar geralmente acontecem aos poucos, exigindo certo tempo, sendo que com a educação especial na perspectiva inclusiva, pensa-se, não acorrerá diferente. Espera-se que esse tempo colabore para que os professores discutam e analisem suas práticas, a gestão do pedagógico que desenvolvem e que querem desenvolver.

## Referências

- BAPTISTA, Cláudio Roberto (org.). *Inclusão e escolarização: múltiplas perspectivas*. Porto Alegre: Mediação, 2006.
- BEYER, Hugo Otto. *Inclusão e avaliação na escola de alunos com necessidades educacionais especiais*. Porto Alegre: Mediação, 2005.
- BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. 1998.
- BRASIL. Senado Federal. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*, 9394/1996.
- BRASIL. *Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva*. Brasília: MEC/Seesp, 2008.
- BRASIL. Resolução n. 4, de 2 de outubro de 2009. *Diretrizes operacionais para o atendimento educacional especializado na educação básica, modalidade educação especial*. Resolução CNE/CEB 4/2009. Diário Oficial da União, Brasília, 5 de outubro de 2009, Seção 1, p. 17.
- BRASIL. Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: adaptações curriculares*. Brasília: MEC/SEF/Seesp, 1998.
- CARVALHO, Rosita Edler. *Educação inclusiva: a reorganização do trabalho pedagógico*. Porto Alegre: Mediação, 2010.
- FERREIRA, Liliana Soares. Gestão da escola: o projeto pedagógico, o trabalho e a profissionalidade dos professores. *Educação em Revista*, Marília, v. 8, n. 1, 2007, p. 35-48.
- FERREIRA, Liliana Soares. Gestão do pedagógico: de qual pedagógico se fala? *Currículo sem Fronteiras*, v. 8, n. 2, 2008, p. 176-189.
- FERREIRA, Liliana Soares. O trabalho dos professores e a gestão do pedagógico. *MÁTHESIS: Revista de Educação*, v. 9, n. 1, 2009, p. 9-24.
- OLIVEIRA, Luzia de Fátima Medeiros. *Formação docente na escola inclusiva: diálogo como fio tecedor*. Porto Alegre: Mediação, 2009.
- SANT'ANA, Izabella. Mendes. Educação inclusiva: concepções de professores e diretores. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 10, n. 2, 2005, p. 227-234.
- VEIGA, Ilma Alencastro. *A prática pedagógica do professor de didática*. São Paulo: Papirus, 1994.
- VYGOTSKY, Lev Smernovich. *Fundamentos de defectologia: obras escogidas V*, Madrid: Vísor, 1997.



*Cláucia Honnef* é professora temporária de educação especial no Instituto Federal Farroupilha, professora externa do curso de Educação Especial, modalidade de Educação à Distância, na Universidade Federal de Santa Maria, graduada em Educação Especial, especialista em Gestão Educacional, mestre em Extensão Rural e mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria.

Endereço: Rua Pedro Américo, 6, bloco D/215 - 97110-580 - Santa Maria - RS - Brasil.

E-mail: [clauciahonnef@yahoo.com.br](mailto:clauciahonnef@yahoo.com.br).

Recebido em 9 de julho de 2013

Aceito em 13 de agosto de 2013.